

Thomas D. Rogers¹

Tecido Memória, de Sergio Leite Lopes, Celso Brandão e Rosilene Alvim²

“**T**em história, viu.” É assim que, Isabel, ex-trabalhadora têxtil, avisa logo no início do filme *Tecido Memória*, de 2009, que, assim como ela, seus colegas trabalhadores do Grande Recife não desapareceram com o declínio das fábricas têxteis. E mais, eles têm uma importante história para contar. Como Isabel, Edson trabalhou na imensa Companhia de Tecidos Paulista (CTP) e concorda: “a história tem que ser contada. Tem que estar sempre valorizada, fazendo parte de nosso dia a dia”. No desenrolar do filme, Isabel e Edson, acompanhados por mais nove homens e mulheres ex-operários e ex-moradores da vila operária da fábrica, contam sua história, reconstroem suas vidas, experiências e lutas. Um texto simples e breve introduz o filme, mas não há narração externa, deixando-a para os próprios trabalhadores. No momento em que Isabel e Edson fazem suas declarações, o filme coloca a memória, a memorialização e a dinâmica da construção histórica claramente na agenda.

O roteiro de *Tecido Memória* foi escrito por José Sérgio Leite Lopes e Rosilene Alvim; a direção é de Leite Lopes e Celso Brandão. Tanto Leite Lopes quanto Alvim têm uma longa história de pesquisa no Nordeste, ambos tendo participado do projeto “Estudo comparativo de desenvolvimento regional”, iniciado no final dos anos 1960 e coordenado pelo programa antropológico do Museu Nacional e pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (Lygia Sigaud, falecida recentemente, também participou do

¹ Professor assistente do Departamento de Estudos Africanos da University of North Carolina, Charlotte (Estados Unidos).

² TECIDO MEMÓRIA. Produção e direção de Sergio Leite Lopes, Celso Brandão e Rosilene Alvim. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 2009. DVD (70 min), son., color.

projeto). Em 1976, Leite Lopes publicou uma incisiva monografia sobre os trabalhadores na usina de açúcar em Pernambuco (*O Vapor do Diabo*), seguido pelo seu formidável estudo da CTP (*A Tecelagem dos Conflitos de Classe*). Alvim publicou seu próprio trabalho sobre a CTP em 1988 (*A Sedução da Cidade: os Operários-Camponeses e A Fábrica dos Lundgren*).

A maioria dos informantes do filme trabalhou na CTP, a maior fábrica têxtil do período pós-guerra e de propriedade da família Lundgren. Além do seu aspecto industrial, a empresa tinha grande influência cultural dentro e fora dos seus domínios. “Uma fábrica é uma civilização”, esta é a célebre definição dada pelo interventor de Pernambuco durante o Estado Novo, Agamenon Magalhães. Com um total variando entre dez e quinze mil trabalhadores formais e mais oito mil trabalhadores informais, o complexo industrial contava com um hospital, um restaurante industrial, escolas, times esportivos, entre outros. O comentário admirado de Magalhães refere-se tanto à abrangência quanto à complexidade ou à sofisticação da organização dos Lundgrens. No filme, há depoimentos de trabalhadores de diferentes setores da CTP, incluindo Bené, que trabalhou na casa-grande do Coronel Frederico Lundgren.

No ápice do crescimento industrial ocorrido na metade do século passado, na Grande Recife somavam-se dezenove indústrias têxteis. Atualmente, apenas quatro ou cinco empresas operam na cidade. O declínio do setor empresta urgência ao projeto *Tecido Memória*. A cultura operária que emergiu dentro e em volta da CTP, assim como nas demais fábricas, existe quase que completamente apenas no domínio da memória. No filme, os informantes descrevem as operações das fábricas, o trabalho desempenhado por eles e as relações entre operários e chefes. O universo em volta das fábricas é descrito talvez com ainda mais entusiasmo: os programas sociais paternalistas, os times de futebol, as escolas, as estratégias de recrutamento, o jardim e o resto da vida. “Civilizações” como tais empresas têm certamente suas tradições e memórias. Assim, enquanto claramente empenhado em reconstruir a experiência de trabalho do setor têxtil, o filme assume um importante papel como veículo de valorização de tais experiências.

Milhares de trabalhadores chegaram ao complexo têxtil em uma trajetória migratória do interior com destino à cidade. Vinham de várias realidades: o pai de Rosália era pescador no

litoral não longe dali, e sua família chegou a Paulista quando ela tinha seis anos; João Francisco veio da cidade de Paudalho; Norberto veio do Cabo, ambas na zona do açúcar. De fato, um grande número de operários veio dos engenhos de açúcar localizados na tradicional região de cana-de-açúcar, na zona da mata. A CTP, interessante, foi construída na década de 1890 num antigo engenho de açúcar. O nome do lugar deve-se ao fato de a terra ter sido dada a Navarro, bandeirante paulista, que a recebeu como recompensa por seu papel na derrocada de Palmares, comunidade de escravos fugitivos, no fim do século dezessete. É interessante notar a relação histórica de dominação: alguns dos operários podem ser descendentes dos escravos fugitivos de dois séculos e meios atrás. Imagino também que muitos tenham percebido uma relação entre o nome desta cidade industrial e a cidade da industrialização brasileira por excelência.

Isabel assinala que muitos operários deixavam os engenhos no meio da noite em direção a Paulista ainda devendo para os barracões. Deixavam uma forma de dominação e sistema paternalista que os governava por outro não muito diferente. Leite Lopes nota que o conceito de gerenciamento adotado pelos Lundgrens rompeu a tradicional noção de diferença existente entre as relações de classe industrial e capitalista e as relações “feudais”. Em Paulista, os patrões mantinham forte domínio sobre a vida de seus empregados, controlando não apenas seu trabalho, mas também sua moradia, sua mobilidade e até sua dieta. A dominação e o paternalismo do coronel, assim como a luxuosa manutenção da casa-grande o conectam com tradições rurais presentes em todo o Nordeste. Embora as empresas têxteis tenham tido um papel arquetípico na compreensão da industrialização, da modernização e do desenvolvimento do capitalismo no Brasil, boa parte de sua cultura empresarial manteve ligações com formas mais “tradicionais” ou rurais de emprego.

Assim como *O Vapor do Diabo* revela a fluidez entre o trabalho nas plantações de cana de açúcar e o trabalho nos engenhos de açúcar, a história desses operários explicita as ligações entre o trabalho rural e urbano em Pernambuco. O simples movimento de trabalhadores conectava os dois domínios, da mesma forma que os padrões de assistencialismo e paternalismo. Muitos trabalhadores vindos da zona da mata e recém-chegados às empresas têxteis ficavam horrorizados diante da perspectiva

de subsistência à base de caranguejos, encontrados nos enlameados rios que cortavam a capital, e não mais da carne de sol e farinha, às quais estavam acostumados. Pelo menos no início, as empresas têxteis encorajavam o cultivo de roças ou sítios para lavouras de subsistência. A busca de sua própria subsistência dessa maneira, familiar aos engenhos, surpreenderia aqueles que migravam para Paulista convencidos por histórias de um chafariz de leite e uma montanha de cuscuz — o forró celebrando essas maravilhas é uma impagável adição à trilha sonora. Entretanto, enquanto alguns se lembram da privação, outros olham para aqueles anos situados na metade do século como tempos de abundância. Bené fala da chegada de comida no “trem da serra”: porcos, vacas, macaxeira, feijão, milho. Os preços eram tão baixos, ele diz, a comida era quase de graça.

Paulista ficou famosa em todo o estado — e sem dúvida também nos estados vizinhos — como um lugar de progresso e abundância. As empresas atraíam trabalhadores em virtude dessa reputação, ao ponto de, durante os anos de grande crescimento, entre 1920 e 1950, competirem umas com as outras por braços. Tais empresas têxteis e o mundo gerado à sua volta se expandiam juntamente com a crescente mão de obra. Durante a década de 1940, a CTP contava com seis mil moradias em sua vila operária. Aqueles que ainda não tinham ouvido falar sobre a montanha de cuscuz eram conduzidos às fábricas por recrutadores que se espalhavam pela zona da mata e pelo sertão. Inácio, antigo recrutador encontrado pela produção do filme, concedeu uma entrevista na qual enfatiza a rapidez com que os recém-chegados eram integrados ao trabalho.

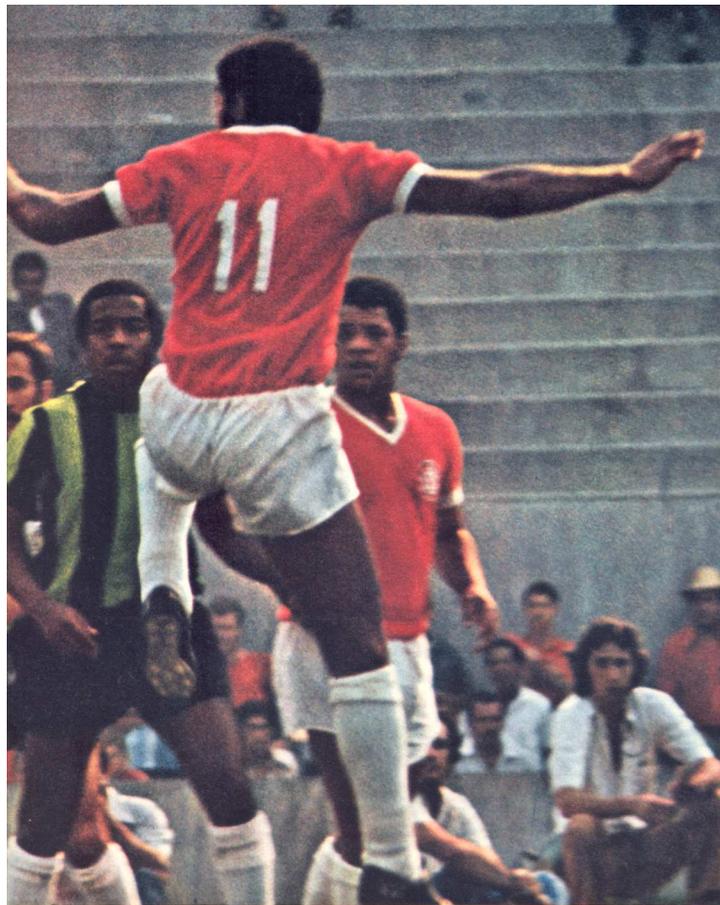
A integração de novos braços à companhia dava-se graças a um rico processo simbólico. Leite Lopes analisou a “teatralização do poder” no momento da chegada à fábrica, quando o patrão olhava para as mãos e os olhos do trabalhador para determinar qual o melhor serviço para ele. A descrição de Bené sobre esse processo é inestimável, fornecendo a visão do trabalhador sobre essa interação carregada de poder. A extensa autoridade dos patrões é capturada no pragmático comentário: “a cidade tem um dono só”. A influência do patrão estava presente em todos os lugares e tudo em volta lembrava o seu poder. Até mesmo os pratos usados em casa durante as refeições continham o logotipo da fábrica. E se alguém ousasse questionar tal autoridade, Bené explica, os Lundgrens tinham capangas para o trabalho sujo.

Apesar do poder repressor das chefias, conflitos entre gerência e trabalhadores existiam tanto em assuntos de convivência cotidiana quanto dentro dos muros da fábrica. No início dos anos 1930, por exemplo, os trabalhadores da CTP tentaram organizar um sindicato seguindo seu líder, cujo dramático apelido era Roberto do Diabo. Os trabalhadores recordavam os direitos garantidos no fim da década de 1940; relacionavam os benefícios e a proteção presentes nas leis trabalhistas de Vargas com as tangíveis carteiras profissionais. (Uma imagem de arquivo mostra Vargas sendo recepcionado pelos Lundgrens durante sua visita em 1940.) Enquanto trabalhadores eram despedidos por mínimas infrações, como chupar laranja no serviço, o sindicato lutava, então, para protegê-los. A força do sindicato alcançou seu ápice durante os protestos ocorridos no início dos anos 1960. Em 1963, no mesmo ano em que os trabalhadores da cana de açúcar organizaram a maior greve da história do movimento trabalhista rural, os operários têxteis de Paulista cruzaram os braços por 21 dias.

O filme elegantemente mescla as entrevistas dos informantes com imagens de arquivo de trabalhadores urbanos e rurais (incluindo cortadores de cana), trens, imagens da visita de Vargas em 1940, da greve de 1963, da repressão pós-1964, das greves de 1979 em todo o país, entre muitas outras. Não conseguindo encontrar imagens de arquivo do interior da CTP ou de outra fábrica têxtil, a direção do filme usou imagens de uma tecelagem de São Paulo. A seleção de músicas da época é inestimável, da mesma forma que os retratos de times de futebol das empresas e as fotografias das fábricas e seus arredores emprestam ao filme profundidade e um rico contexto visual. O filme fala por si só, mas também serve como ótimo acompanhante para os livros de Leite Lopes e Alvim. Suas análises das especificidades sobre o trabalho nas plantações de cana, nos engenhos de cana e nas fábricas têxteis explicam o universo existente em volta das histórias contadas pelos informantes, enquanto as imagens das fábricas e a justaposição dos informantes dão ainda mais contorno às excelentes monografias. Muitos dos entrevistados foram informantes-chave durante a pesquisa de Leite Lopes nos anos 1980.

O que lembrar e como lembrar são questões que permeiam o filme. Era essa uma “civilização”, para usar o termo de Magalhães? O que sobrou e como deve ser lembrado? Esses

antigos (e alguns atuais) trabalhadores têxteis enfrentaram os mesmos desafios que tantos outros agora enfrentam, numa economia em modernização, incluindo crescente mecanização e galopante desemprego. Mas eles mantêm protegidas suas memórias do passado – da camaradagem na vila operária, das lutas no sindicato e de certo grau de satisfação no trabalho. Muito da satisfação ao assistir ao filme vem da vivacidade com que esses homens e mulheres narram a história de sua comunidade – com humor, animação, nostalgia e ocasionalmente com indignação. Mas o que mais move o expectador é a convicção que todos compartilham de que suas histórias são importantes, conferindo valor às suas vidas e ao seu trabalho. “A vida do trabalhador é boa”, afirma Marcelo no final do filme; “É sofrida, mas é boa”. João Francisco oferece uma ainda mais básica reprodução de verdade social: “Sem trabalhadores, o mundo não existe”.



[Em destaque Claudomiro do Sport Club Internacional. Foto de autoria de Assis Hoffmann, publicada na revista *Placar*, São Paulo, n. 88, 19 nov. 1971, p. 9]. (Coleção CPDS, R/1366, Arquivo Edgard Leuenroth/UNICAMP, Campinas, SP.)